



O POVO QUE FAZ E VIVE A FESTA: FAZERES E SABERES DOS ACTANTES

Adan Renê Pereira da Silva
Marciele Albuquerque
Ronaldo Passos Barbosa Júnior
Adriano Paketá
Chris Reis

Resumo: Este momento do dossiê contempla múltiplos fazeres e saberes daqueles e daquelas que atuam em muitos lugares e de diversas formas nas festas amazônicas. Itens, criadores, torcedores, presidentes, compositores apresentam-se por diversas perspectivas para falar, em uma metodologia autoetnográfica, de seus pontos de vista acerca das vistas dos pontos em que se situam. Objetivando dar visibilidade ao povo que faz e vive a festa, as comunicações aqui apresentadas mostram as festas em potência e ato, com sujeitos em movimento nas grandes teias da alegria.

Palavras-chave: Festas; Arte; Cultura Popular.

THE POEPL E WHO LIVE AND MAKE THE PARTY: THE ACTIONS AND KNOWLEDGE OF THE PARTICIPANTS

Abstract: This moment in the dossier contemplates multiple actions and knowledge of those and those who work in many places and in different ways at Amazonian festivals. Items, creators, fans, presidents, composers present themselves from different perspectives to speak, in an autoethnographic methodology, of their points of view about the views of the points where they are located. Aiming to give visibility to the people who make and live the party, the communications presented here show the parties in full force and action, with subjects moving in the great webs of joy.

Keywords: Parties; Art; Popular culture.



Introdução

O rico universo das festas amazônicas congrega sujeitos que atuam de perspectivas diversas e potentes. Neste dossiê, partindo-se dessa constatação, tornou-se indispensável trazer essa pluralidade de “localizações” dos diferentes actantes: torcedores, itens individuais, membros de Comissões e Conselhos, artistas, entre outros.

Na proposta metodológica autoetnográfica, o trabalho é atravessado colaborativamente pelo sujeito “que faz” a festa com o pesquisador, entendendo-se como parte do estudo. No caso deste texto, trabalha-se com a autoetnografia formadora, ou seja, “[...] uma investigação muito mais em formato de memória crítica, visto que nesse momento as informações não são submetidas a análises, interpretações e tampouco se articulam a conhecimentos de outras fontes [...]” (SANTOS; BIANCALANA, 2017, p. 86). São vivências particulares que dão conta da vida, nas palavras de Blanco et al (2021).

Em seguida, os textos de nossos actantes.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

CUNHÃ TRIBAL, MULHER MUNDURUKU: MARCIELE ALBUQUERQUE E A REPRESENTATIVIDADE INDÍGENA NO FESTIVAL

Marciele Albuquerque

Imagem 1. Marciele Albuquerque em evolução na arena do bumbódromo.



Fonte: Acervo da autora (2019).

Sou indígena nativa, sou Munduruku. Natural de Juruti, Pará, onde acontece também o Festival das Tribos (Festribal), no qual minha mãe dançava e eu dancei desde que me lembro da minha vida. Sou conhecida como “Cunhã Tribal”, por introduzir ao item um estilo mais fiel à tribo, não só fisicamente, mas em todos os aspectos que envolvem o item cunhã-poranga.

Bom, primeiramente sinto muito orgulho de ser uma mulher indígena, eu sou fiel às minhas raízes, às nossas causas e nossas lutas! E representar a mulher indígena na arena do bumbódromo, pelo Boi Caprichoso que amo de paixão, é inexplicável, é quando minha imaginação se torna realidade!

Eu amo o que faço, então eu sinto que quando tem amor, por mais quem tenham milhões de dificuldades, torna-se mais fácil. Como Cunhã Poranga, posso



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

afirmar que é a melhor experiência da minha vida: o início não foi fácil, mas eu sou determinada e tenho consciência do meu potencial!

Eu era dançarina do Corpo de Dança do Caprichoso (CDC), o que me faz valorizar muito mais o que represento hoje... Meu amor pela dança sempre me fez ir longe! Já fui substituta dos itens “porta-estandarte” e “cunhã-poranga”, antes de me tornar item oficial. Na arena é um turbilhão de sentimentos, algo desconhecido, mas tão bom, fico em êxtase, e não tem como descrever por mais que eu tente: ver minha galera gritando, vibrando por mim naquele momento é como se eu flutuasse, não existe cansaço, e por milésimos de segundo esqueço os jurados!

Imagem 2. Marciele em tempos de Corpo de Dança Caprichoso (CDC).



Fonte: Acervo da autora.

Durante a apresentação central e para o lado contrário¹, apesar de ter uma multidão assistindo, eu só consigo pensar nos jurados, em fazer o melhor, fazer todo o trabalho de uma equipe ser notado: eu vou preparada pra vencer!

¹ Referência ao boi-bumbá Garantido. Em Parintins, é costume não pronunciar o nome do boi rival, chamando de “contrário”.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Eu gosto de pensar que, depois de tanto esforço, dedicação, minha única meta é vencer! Eu represento o item 9, um item individual, porém, que não tem nada de individual: tem um mundo de pessoas que me ajudam de tantas formas... Quando estou nas alegorias naqueles longos minutos, eu faço uma reflexão, renovo as energias, agradeço - eu sou movida a gratidão! - e piso na arena e deixo fluir!

Imagem 3. Marciele em aparição alegórica.



Fonte: Créditos na imagem.

Eu tive momentos especiais e inesquecíveis, como em 2017, com vitória já na minha estreia, e em 2019: a segunda noite foi de superação! E eu sigo sendo muito mais que um item, sou torcedora apaixonada pelo meu Boi Caprichoso!

Imagem 4. Campeonato de 2017.



UFAM

REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES

e-ISSN 2675-410X



Créditos: Acervo da autora.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Imagem 5. Apresentação para os jurados em 2019. Mesmo com problemas na costeira, fui campeã!



© Daniel Brandão | Amazonas, Brasil

Fonte: Créditos na imagem

Sou Marciele Albuquerque da Silva, mulher indígena Munduruku e cunã-poranga! Até o próximo Festival!



A TRANSMISSÃO DE SABERES ENTRE PAI E FILHO: INTERAÇÕES MUSICAIS ENTRE RONALDO BARBOSA E RONALDO BARBOSA JÚNIOR

Ronaldo Passos Barbosa Júnior

Entendemos que o a construção identitária dos indivíduos é reforçada pela linguagem oral e tem suporte nas ações que compõe as transmissões espontâneas de saberes entre membros de uma família, inclusive os relacionados aos ofícios e as artes. Isto configura, de toda forma, um meio de assegurar a continuidade de particularidades do grupo familiar.

Destacando a família Passos Barbosa, e a relação do pai Ronaldo Barbosa, compositor de Toadas do Boi-Bumbá Caprichoso de Parintins com mais de 100 obras publicadas somando décadas de dedicação na contribuição da arte do norte do Brasil, e o seu Filho, Ronaldo Barbosa Júnior, este texto conta, com foco na visão de pai e filho como ocorreu este movimento puramente espontâneo e até inconsciente de transmissão de complexos saberes essenciais para o cultivo da expressão cultural vindoura do novo compositor daquela família, no caso, o filho Ronaldo Júnior.

Eu, Ronaldo Júnior, apesar de ser Contador por formação, considero-me hoje um artista: sou dono de composições tanto no Boi Caprichoso, quanto no boi Garantido, além de ser escritor da premiada obra *O Arquimago, Torre de Luz*. Tal transformação, ou afloramento desta veia, pode ser vista de maneira aberta e descontraída, por mim:

Pop-Rock e Hip-hop. Foi em 2003 que tive minha primeira experiência com composição musical. Naquela época eu não fazia idéia do potencial que eu tinha enquanto rascunhava poesias inspiradas no álbum Acústico MTV do Charlie Brown Jr - Alguém havia me emprestado o CD por acaso e eu o escutei até a exaustão -. Durante as madrugadas pegava papel e caneta e rascunhava poesias sobre a juventude, amizade, sonhos. Algumas coisas eram soltas e não havia muito sentido, mas sempre existe alguma melodia implícita, mesmo que sem nenhum estilo definido. O que quer que fosse aquilo que eu estava produzindo não existia naquele meu mundinho de interior. Talvez porquê aquilo nem possuísse uma lógica musical real.

A coisa toda era feita por pura fantasia. Talvez para impressionar a “turminha” de amigos. Mas a verdade é que não havia um modo específico de como realizar aquilo. Imaginava conhecer outras pessoas com talento musical para criar uma banda, talvez. Produzir um disco e me apresentar em um palco local, depois, num “palco mundo”. É



curioso notar que eu já tinha esse espírito, talvez politicamente incorreto de não pensar pequeno, almejar voos longos. Mas, sendo um péssimo cantor, aquilo seria realmente muito difícil, principalmente porquê naquela época o público no mundo da música era um pouco mais exigente. Ao menos, eu era.

Meu pai já era um compositor renomado na cidade por seu trabalho no Festival Folclórico de Parintins e eu era seu fã nº 01. Sabia todas as músicas de cabeça. Sempre o achei um gênio insuperável do segmento “Toada” e, conhecendo ainda que inconscientemente como todo aquele processo funcionava, não tinha a menor pretensão de me tornar compositor. Se ainda existia em mim alguma intenção particular de entrar no mundo artístico seria através da escrita ou sendo uma estrela de Banda. Principalmente porque eu não gostava tanto assim de toada. Curtia as músicas do papai e pouca coisa além disso. Rituais, Lendas e músicas temáticas me atraíam, os arranjos principalmente, mas o que gerava o verdadeiro “furor” no povo, as genéricas, ou músicas de galera me causavam desânimo.

Meus pais se separaram enquanto eu era bem novo e eu costumava passar apenas as férias com o meu pai. Foi somente no segundo ano do ensino médio que tivemos oportunidade de conviver por mais tempo. Já morando na capital com ele, fui apresentado aos materiais que se tornariam a base do meu consumo cultural e de entretenimento. Tive oportunidade de conhecer novos amigos que me oportunizaram ler livros como *O Senhor dos Anéis*, *Sandman*, *Harry Potter*, *Atmeis Fowl* e principalmente, no segmento musical, as bandas *Link Park* e *System of a Down*. Naquela época comecei a esboçar meu primeiro Livro, *O Arquimago*.

As composições musicais continuavam de certa forma em um universo de fantasia criado dentro da minha própria mente. Produzi um arquivo no *Word* com mais de 50 letras de músicas que infelizmente se perderam após uma “pane” no computador. *O Arquimago* mesmo, que já possuía por volta de sete capítulos foi inteiramente reescrito após esse acidente, mas as letras e as melodias se perderam.

As produções artísticas a partir dali perderam espaço no meu dia a dia, principalmente após o ingresso no ensino superior. Escrevia poucas linhas do *Arquimago* no tempo que me restava. Trabalhando durante o dia inteiro e estudando a noite, eu já estava perto de concluir a faculdade quando Telo Pinto, novo presidente do



Boi Garantido à época, mostrou intenção de criar um CD diferenciado com pessoas renomadas e novos talentos que chamassem atenção do público para aquele produto.

Foi quando me convidou para participar do CD “Paixão” (2010). Eu ainda morava com o meu pai naquela época e acompanhava de perto seu processo criativo para a elaboração das músicas para o Caprichoso. Ele sofria com uma gestão que o menosprezava, o que eu achava completamente desrespeitoso, dado seu legado, sua história, sua contribuição e peso dentro da festa. Ele se esgotava com esses problemas internos do Boi e resolveu – corajosamente! - se afastar daquilo que mais amava pelo bem de sua própria saúde, principalmente a emocional.

Eu, por outro lado, não levava a sério a proposta feita, não tinha interesse nos Bois, e nem comuniquei ao meu pai o convite feito, pois eu achava aquilo tudo um tanto ridículo. Após insistência de minha mãe, produzi uma letra qualquer, enviei a um produtor de Parintins que fez o que bem entendeu da música. Eu mesmo só vim ouvir a versão demonstrativa (“demo”) no dia do lançamento do CD.

Estavam lá figuras como o Chico da Silva e Demétrius Haidos. Até Jorge Aragão assinava uma das faixas e eu estava meio perdido sem entender onde havia me metido.

De fato, ganhei publicidade, o Boi também recebeu duras críticas, afinal, tinha admitido o filho do Ronaldo Barbosa como compositor e ele simplesmente tinha entregado a pior música do CD.

No início eu não ligava, as redes sociais da época eram o *Orkut* e o *MSN*, e não se tinha dimensão pública do que ocorria, a menos que se fizesse parte de grupos ou fóruns específicos. Como eu não queria muita história com o Boi, fui protegido do bombardeio *hater*.

Mas indo a um dos ensaios da festa, conheci um jovem compositor chamado Rafael Marupiara que fez questão de apresentar-me as pessoas envolvidas naquela festa, o que me despertou o interesse de estar mais por dentro daquele universo “bovino”.

Ali tive a real noção do fanatismo das pessoas e do quanto eu havia impactado negativamente as expectativas delas para aquele álbum. O mar de críticas e xingamentos fez sentido e foi o estopim para que um ódio interno crescesse em mim, fazendo aflorar todo meu potencial criativo. O que é bem bizarro (ou não)!



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

A partir daquele momento, eu me dediquei por meses na composição de uma toada capaz de “calar a boca” de todas aquelas pessoas. Fechei parceria com o Rafael Marupiara que tinha amizade e conhecimento no processo de inscrição do “Edital de Toadas”. Produzimos a música: *Matawi-Kukenan*.

Custou uma fortuna fazer. Perto de R\$1.000,00. Passamos mais de 12 horas enfiados no meu quarto - enquanto meu pai estava lá fora! - e a sensação em todo mundo de total desconforto. O Produtor Walteir Júnior era quem trabalhava comigo montando os arranjos. Após isso, ainda passamos por uma sessão de mais de 6 horas em estúdio captando vozes e montando vocais. Foi naquele momento que me considerei um compositor.

A demo saiu exatamente do jeito que eu queria. Sombria, raivosa, vingativa. A princípio, soou estranha aos ouvidos de todos, mas logo tornou-se o sucesso de 2011, carregando o título do boi nas costas, junto com o aclamado álbum *Miscigenação*.

Ainda em 2011, a pedido de Rafael Marupiara, me envolvi na composição de duas novas toadas para o Boi Garantido. Ali percebi que precisava manter um padrão de qualidade para atender novas expectativas do público. Para tal, era necessário estudar novamente o segmento, pois dessa vez estaria compondo uma lenda amazônica (“Naruna das Amazonas”), entretanto, o convívio com meu pai durante todos aqueles anos de composições em que tive a honra de vê-lo no seu processo criativo foi fundamental. Apesar de inseguro com a nova empreitada, inconscientemente àquela altura já havia adquirido muitas variantes de fórmulas melódicas para montar a estrutura daquelas duas novas músicas. Já estava morando em Parintins quando as demos começaram a ser produzidas no estúdio em Manaus e a distância não pôde deixar as obras da maneira que eu realmente queria, mesmo assim, acredito que são músicas boas.

Já em 2013, “Tambor” foi a composição solo em que me envolvi. Apesar de ter como parceiro de assinatura da obra o Rafael Marupiara, ele não participou do seu processo criativo. O projeto havia começado ainda em 2011, para o Festival de Toadas, mas a demo só ficou pronta no final de 2012, devido à falta de recursos para a produção de uma música tão complexa.

“Tambor” conduziria o espetáculo do “Boi do Centenário” e impulsionaria o novo título. Elogiada nos bastidores por maestros especialistas e mestres em música,



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

também foi objeto de estudos de mestrados e doutorados. Apesar de tudo, teve duas notas 10 e um duvidoso 8.3, descartado.

A nota que não condizia com o que foi apresentado gerou um “burburinho pontual” na *internet* de um grupo que não simpatizava com o estilo musical que eu estava propondo inserir no “tradicionalíssimo” Garantido, o que me motivou a criar músicas ainda mais ousadas em 2014 e a partir dali não parou.

Em 2017 fui convidado pelo meu pai a compor o quadro de compositores do Boi Bumbá Caprichoso. Tive a oportunidade de participar de produções, de trilhas de arena, e de dar uma contribuição maior para o espetáculo. Percebi que o sucesso musical dentro do contexto “bovino” não foi por acaso e se deu principalmente por absorver conceitos complexos emergidos do talento do meu pai durante os anos de convivência com ele.

O compositor Ronaldo Barbosa expressa de forma sucinta como enxergou esta transmissão de característica familiar e de referências culturais nos complexos empreendimentos artísticos a mim:

Apesar de muito criativo, confesso que me surpreendi com o surgimento do meu filho no quadro de compositores do Garantido. Tive receio a princípio que nos associassem às produções, mas isso logo foi desmentido pelas próprias músicas com estilos e características musicais completamente diferentes. Os dons de criação dele são distintos e isso logo ficou muito evidente.



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Figura 1. Pai e filho em apresentação do tema de 2017, com “aniversário surpresa” para Ronaldo Barbosa. O contexto era de interação entre pai e filho: ano da chegada de Ronaldo Júnior, estreando como compositor azul e branco e entregando o bolo ao pai. Registro perfeito da emoção do momento.



Créditos: acervo dos “Ronaldos” (2017).

Não falávamos muito do assunto enquanto rivais, só em meados do final de 2014 nos reunimos algumas vezes e em algumas ocasiões trocamos idéias sobre toadas, vez que ele não participaria dos editais em 2015 e 2016: “Numa dessas ocasiões, ouvi “O Cativo” e “Templos de Ouro”. Não foi surpresa para mim o nível de qualidade das suas músicas. Sendo super dedicado, exigente e tendo um talento natural para a criação achava que o Caprichoso precisava dele, para abrilhantar mais os CDs”, conta Ronaldo Barbosa, o pai:

Dentro do grupo, ele ganhou a confiança de todos e a minha principalmente. Ajudamos ele a montar um estúdio em parceria com o produtor Leonardo Pantoja e deixei a partir daquele momento as produções das minhas próprias músicas em suas mãos. De alguma forma, vejo com muito orgulho o crescimento artístico do meu filho, da sua personalidade e da forma com que construiu sua própria identidade cultural a partir do meio em que nós nos encontramos inseridos.

Nossos relatos, apesar de ficar evidente que os estilos musicais são completamente diferentes, mostram que os repertórios de pai e filho têm em comum



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

uma personalidade única: há busca de um “sentido” de inovação dentro do diálogo artístico que ocorre nas entrelinhas do universo musical do Festival Folclórico de Parintins, destoando, sendo motriz e referência para a linha de pensamento melódico de outros artistas deste cenário.

Esta semelhança advém da convivência e da interação entre os sujeitos que contribuem entre si, mesmo que inconscientemente, para a construção dessa personalidade cultural exprimida nas obras, as quais configuram no resultado desta troca de conhecimentos e saberes, transmitidos de pai para filho e vice-versa no universo particular de cada um. Até a próxima composição!



UMA HISTÓRIA VERMELHA E BRANCA: ENTRE MÍSTICAS E VIDA REAL DO PAJÉ DO POVO!

Adriano Paketá

Minha história na cultura parintinense começa no ano de 2005. Ainda estudante do ensino médio, já era torcedor do Boi Garantido, mas nunca havia participado de qualquer quadro de atuação do boi.

Comecei a frequentar os ensaios da batucada à noite e comecei a perceber o quanto eu estava sendo atraído pelo boi vermelho. Conheci e já conhecia várias pessoas que faziam parte da agremiação.

Foi quando me inscrevi para participar do “Comando Garantido”, torcida organizada oficial do boi. A partir daí mergulhei no “Mar Vermelho”. Lembro-me que, no meu primeiro ano, nas arquibancadas do bumbódromo, eu parei enquanto todos pulavam, só para sentir e confirmar o que diziam: “o bumbódromo balança”! Realmente senti que balançava, mas no êxtase do momento ninguém liga.

Foram três noites sentindo as fortes emoções na galera e o resultado veio: fomos campeões!

Pós festival quase tudo no boi para. Entretanto, em poucos meses, o Garantido Show² voltava seus ensaios. Foi quando comecei a conhecer os dançarinos, coreógrafos e o restante que fazia parte do grupo. Jogávamos vôlei na rua de casa quase todos os dias. Então, recomeçou a temporada de ensaios para os shows para turistas. Eu ainda não fazia parte do grupo, mas fui convidado a participar dos ensaios. Não dançava nada, mas devagar fui aprendendo... Os ensaios começavam às 16 horas. Eu sempre ia mais cedo, às 15 horas com um colega que me ensinava as coreografias mais antigas.

Nesse período eu estudava a noite e trabalhava pela manhã vendendo leite. De tarde, ensaio.

Em agosto de 2005 tivemos o primeiro show de turistas, dia 22, dia do folclore. Essa data ficou marcada: foi meu primeiro show! Participei de vários outros, mas ainda

² Grupo de Dança do Boi-Bumbá Garantido.



não fazia parte do Garantido Show. Ainda precisava melhorar muito, na época os dançarinos eram os melhores.

Imagem 1. Adriano Paketá encontrando fã com paralisia cerebral. A importância da cultura e do protagonismo.



Créditos. Acrítica.

No ano de 2006, foi criada a Companhia de Dança Folclórica Garantido Show, uma grande seleção para quem gostaria de fazer parte do grupo. Eram mais de 150 pessoas para 30 vagas, sendo 15 para homens e 15 para mulheres, além do grupo base.

Eu participei nas quatro baterias na seleção e apenas eu passei dessa bateria!

A partir daí, eu abracei a oportunidade de fazer parte do “Garantido Show”, sempre buscando melhorar. Raramente faltava aos ensaios, tive que mudar de turno na escola, pois os ensaios seriam a noite a partir da seleção.

E a cada ano fui me destacando entre os dançarinos, novas oportunidades de viagens, shows, entrevistas etc...

Com todo crescimento dos anos e sendo reconhecido como um dos melhores dançarinos do Garantido, convites não faltaram... Participação de filmes, em outros festivais de grande, médio e pequeno portes. Em alguns, atuei em peças como ator e em outros como coreógrafo, diretor e pajé. Daí começa a se moldar o item pajé em mim.

Figura 2. Um artista multifacetado. Adriano Paketá em cena.



Crédito. Fanpage “Fã-Clube Adriano Paketá (Facebook).

Foram grandes experiências que com o tempo foram sendo acrescentadas ao *Curriculum*. Destaco as que fiz parte como pajé nos seguintes festivais: Festival Folclórico de Presidente Figueiredo (AM), Festival Folclórico de Nova Maracanã (PA), Festival Folclórico do Mocambo do Arari (AM), Çairé em Alter do Chão (PA), Festival Folclórico de Nova Olinda do Norte (AM), além do Festival do Jaraqui, em Canumã (AM).

Em 2012, tive a hora de participar do encerramento das Olimpíadas de Londres, levando junto com o grupo a nossa cultura indígena para o velho continente.

Várias viagens nacionais e internacionais também fazem parte desse leque de oportunidades e experiências que trago na bagagem como coreógrafo, dançarino e, hoje em dia, item do Boi Garantido.

Com o reconhecimento, vem as responsabilidades. Em 2015, inicio no quadro de coreógrafos do Garantido - mais uma conquista! – e, na sequência, assumo a coordenação do Garantido Show, inicialmente com Pedro Evangelista e, depois, com Juciara Matos. Porém, não deixei de atuar como dançarino - sempre que dava estava no palco para dançar um pouco!



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

Em 2016 atuei junto com mais de 70 parintinenses na abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro, no quadro Pindorama. Tive o privilégio de ser convidado pela renomada coreógrafa Deborah Cocker. Eu estava dançando no palco do curral do Garantido e ela pediu para falar comigo e me fez o convite: a felicidade foi grandiosa ao receber tão ilustre pessoa e o convite!

Chegamos em 2019. Sou, após tudo isso, convidado para substituir ninguém mais, ninguém menos que o melhor pajé dos últimos 20 anos do Garantido: André Nascimento.

Eu já estava preparado caso a oportunidade chegasse: e ela chegou! Muitos sonhavam em ver esse momento... muito mais do que eu, inclusive: chegou o momento de assumir o item 12!

Figura 3. Boas vindas ao poderoso pajé, Adriano Paketá.



Créditos: Canal Garantido (Facebook).



Picos de emoção no dia da estreia: o público no aguardo do novo pajé...

Cidade Garantido lotada quando se iniciou o momento mais esperado!

Então, eu assumi o item... A partir daí a cobrança seria maior, a responsabilidade redobrada, mas eu estava seguro no que fazer!

Abraçado pela nação vermelha nos quatro ensaios técnicos, pude sentir que eu estava no caminho certo e que o resultado positivo seria apenas questão de tempo.

As 3 noites do festival 2019 foram inesquecíveis para mim!

Três grandes evoluções! Consegui fazer as arquibancadas do bumbódromo balançarem, revivi o tremor das arquibancadas, mas agora como item oficial! Senti cada vibração da galera! quando eu dançava, sentia que estava indo além do que eu imaginava... A vitória veio!

Agradeço a todos que contribuíram com minha trajetória nesses 16 anos de carreira como artista do Festival Folclórico de Parintins, pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para que eu hoje me tornasse não apenas um item, mas um ser humano que venceu todas as dificuldades e se tornou uma pessoa melhor naquilo que faz!

Muito obrigado!

Adriano Jorge Simas da Silva ou, se preferir, Adriano Paketá, pajé do boi-bumbá Garantido.



Figura 4. Pajé em ato.



Créditos: Perfil do *Facebook* de Adriano Paketá.



“NÃO MENOSPREZE O QUE TEM EM PARINTINS... NÃO MENOSPREZE O QUE A GENTE SENTE LÁ!”

Chris Reis

Muito além de ser 'apenas' uma festa, o Festival Folclórico de Parintins é magia, é encanto, é vida, pois sim, aquela ilha no meio do Amazonas tem vida, tem 'segredos' que estão em cada esquina, espaço ou local por onde se passa. Se você não foi lá, nunca entenderá que não é apenas a torcida para um dos bois, Garantido ou Caprichoso, que acaba numa festa. Nem pense em dizer que torce para os dois bumbás. Não existe ser “Garanchoso” isso é papo de político sem alma, mas por aqui 99% fez escolha e declara. Até isso o boi faz com muitos.

Lembrando que não é você que escolhe para quem vai torcer, mas sim é um dos bois que te escolhe. E você vai saber disso quando começar a se arrepiar numa apresentação e de repente sentir as lágrimas caindo e não saber se o riso ou choro é de emoção ou alegria. Sim, você vai chorar e rir, vai abrir a boca extasiado, mas impossível ignorar o que acontece na arena e também nas arquibancadas. O grande diferencial para outras festas, No bumbódromo, as galeras ou torcidas (para quem chega e não se acostumou) participam e contam ponto.

Tudo em Parintins é muito mais do que você vê na arena. A ilha está sempre em movimento e tem sentimento em cada canto. Desde beber uma cerveja ou só uma água (como eu), no Bar do Papai (localizado na Baixa do São José, no reduto vermelho), onde os botos ficam dançando na nossa frente, e se sentir melhor do que num restaurante caro; ver o mais bonito por do sol do mundo mundial no fim da ilha; tomar o tacacá mais delícia do mundo, mesmo após passar um dia viajando de lancha e chegar meio tonto, num calor escaldante; é achar o bodó (peixe com aspecto pré-histórico) bem feio, mas querer experimentar e sair lambendo os lábios; é não ter medo de andar de moto ou triciclo, pela ruas da ilha; é não se permitir falar o nome do outro bumbá (é apenas contrário); é ver o encanto que bois brinquedos causam, não apenas em crianças, mas em adultos também; é chorar vendo velhinhos querendo abraçar e beijar os bumbás; é se emocionar assistindo a ladainha e imaginar que 'aquela reza' acontece há décadas; é ficar triste quando o boi morre; é ficar bem chateado quando há



REH- REVISTA EDUCAÇÃO E HUMANIDADES e-ISSN 2675-410X

empate (melhor perder que empatar); é querer acompanhar a batucada após as três horas de apresentação porque foi pouco; é querer explodir de alegria ao ouvir o rufar dos tambores... é brincar como criança é chorar também como criança...

É tudo isso e muito... muito mais...

Então, se você acha que Parintins é uma grande micareta ou é chato porque apenas viu na TV e nem imagina o que é tudo isso, por favor, cale-se!"



Na imagem, a batucadeira Julia Santos, tocando e chorando na apresentação do Garantido....

Considerações finais

As falas apresentadas evidenciam encontros de subjetividades e objetividades. São falas de apaixonados e envolvidos com Garantido e Caprichoso, as quais relatam a importância das festas para os sujeitos e nos deixam com a sensação de sonhos realizados e vidas vividas em plenitude. Em tons azuis, vermelhos e brancos, a marca do amor, da esperança e de uma vida feliz por meio das festas. Celebremos!

Espera-se que a aposta na proposta autoetnográfica mobilize outros estudos nesta tônica, de ouvir os sujeitos sociais em seu próprio estilo de contar, ser e existir, ficando-se tal aposta como sugestão para novos estudos.



Referências

BLANCO, Mercedes et al. Académicas mexicanas frente a la pandemia. Miradas desde la autoetnografia. **Revista Amazônica**, v. XII, n. 1, jan-jun. 2021, p. 380-408. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/8329>. Acesso em: 11 dez. 2020.

SANTOS, Camila Matzenauer dos; BIANCALANA, Gisela Reis. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, v. 7, n. 2, 2017, p. 83-93. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/137980/139694>. Acesso em: 01 ago. 2020.

Recebido: 30/9/2020. Aceito: 11/12/2020.

Autores:

Adan Renê Pereira da Silva, organizador deste dossiê, é Doutor em Educação pela Universidade Federal do Amazonas e apaixonado pelas festas populares amazônicas.
E-mail: adansilva.1@hotmail.com.

Marciele Albuquerque - Cunhã-poranga do Boi-Bumbá Caprichoso.
E-mail: Albuquerque.marciele@hotmail.com

Ronaldo Passos Barbosa Júnior - Graduado em Ciências Contábeis, escritor das obras literárias de Ficção e Fantasia "O Arquimago" e "Fantástica Amazônia", artista gráfico, compositor e produtor musical de toadas e trilhas do Festival Folclórico de Parintins (2010-2021).
E-mail: rjr.aeon@gmail.com.

Adriano Paketá - Pajé do Boi Garantido.
E-mail: adrianopaketa86@gmail.com.

Chris Reis- Jornalista encarnada e apaixonada por Parintins, o Festival e o Garantido, mas com respeito pelo contrário.
E-mail: chrisreis05@gmail.com